

1 Quando foi a primeira vez que você teve conhecimento sobre ODS?

Depois do lançamento da Declaração de Lyon pela IFLA, começamos monitorar o desenvolvimento das atividades em relação à Agenda, principalmente porque a Rio +20 aconteceu no Brasil e que teve uma grande repercussão na mídia nacional. Porém, quando nós participamos do Programa Internacional de Advocacy (IAP) promovido pela IFLA, iniciamos as ações de traduzir os materiais e produzir outros documentos com a realidade brasileira. Nós participamos do workshop oferecido pela IFLA, em Montevideo em 2016, e naquele momento decidimos que a Agenda 2030 seria o tema central do nosso maior congresso o “CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação” – que aconteceu em outubro de 2017. Desde então, nós temos promovido ações para promover e disseminar a Agenda 2030 com as bibliotecas e com a comunidade.

2 Por que você acha que esse é um importante assunto para as bibliotecas no Brasil?

A América Latina e o Caribe é a região mais desigual do planeta, sendo o Brasil um dos países mais desiguais. Ser bibliotecário neste contexto de desigualdade é um grande desafio. Nós temos que lutar para que todos que vivem em nosso país tenham uma vida digna. Bibliotecas são espaços que devem defender os mais vulneráveis. A Agenda também é, por assim dizer, um instrumento de sustentabilidade para as bibliotecas, para mostrar que elas são mais que suas coleções. E, neste momento atual do país, onde a democracia está ameaçada, situação essa agravada com a pandemia do COVID 19 que não permite que a população possam sair às ruas e reivindicar seus direitos, as bibliotecas precisam mais do que nunca precisam trabalhar alinhadas à Agenda 2030, ser o espaço de defesa dos direitos.

3 Foi fácil explicar os ODS e por que eles são importantes para os colegas?

O Brasil é um país com dimensões continentais, então não é possível afirmar que todos os bibliotecários e profissionais que trabalham nas bibliotecas sabem o que é a Agenda 2030, ou ainda, que todos desenvolvem ações alinhadas aos ODS. Mesmo com todo o material da IFLA traduzido para o português e os produzidos pela FEBAB, os eventos promovidos, especialmente o CBBB, ainda temos que avançar para que os bibliotecários se reconheçam como agentes de transformação. Mas, não há mais espaço para profissionais que estão dentro de suas bibliotecas esperando suas comunidades. Temos que ser pró ativos, ir ao encontro das comunidades para escutá-las, entendê-las e assim nos prepararmos para atender suas demandas. Para muitos bibliotecários a Agenda 2030 parece estar muito distante do fazer

cotidiano, mas não está. Lutar por uma sociedade mais humana, justa e igualitária dever ser um compromisso de todos os bibliotecários. Nunca foi tão importante discutir e defender a Agenda 2030 quanto neste momento da pandemia. A desigualdade está escancarada, o COVID 19 atinge mais a periferia, os mais vulneráveis, os mais pobres. É importante que as bibliotecas conversem sobre a agenda 2030 com suas comunidades, conscientizem as pessoas sobre a ela. O Brasil é signatário da Agenda, portanto tem deveres a cumprir com a sociedade. Neste momento de pandemia, vimos uma onda de solidariedade vinda da sociedade em favor dos mais vulneráveis, o que é muito bom, mas cabe ao Governo cuidar das pessoas, proporcionar as condições básicas para uma vida digna.

4 Que possibilidades seu trabalho em torno dos ODS criou para trabalhar com o governo?

Estamos em um momento muito delicado no Brasil, o governo Bolsonaro retirou do plano de governo (plano plurianual) as metas para o cumprimento da Agenda. Também desmontou todo o aparato de participação social, com a extinção da Comissão Nacional de Acompanhamento dos ODS. Assim, não há diálogo possível com o Governo Federal e, por isso, é o momento de mobilização e articulação da sociedade civil com os parlamentares e empresas.

5 Que parcerias se tornaram possíveis?

Embora não haja compromisso no nível federal, várias discussões estão surgindo localizadas nas cidades, onde prefeitos, assessores e pesquisadores discutem a agenda e as formas de trabalhar os ODS. Acreditamos que as bibliotecas serão capazes de ocupar esses espaços de diálogo para mostrar seu trabalho. Esses eventos estão ocorrendo remotamente por conta da pandemia, e assim será mais fácil estar nesses ambientes que acontecem em diferentes lugares do país. E outras parcerias devem ser feitas com entidades que atuam alinhadas à Agenda 2030.

6 Quais foram suas maiores conquistas até agora?

Diante do contexto que vivemos, com total descaso do Governo Federal, nossa maior conquista foi integrar o “Grupo de Trabalho da Agenda 2030”. Isso foi possível graças à nossa participação no Segundo Fórum dos Países da América Latina e Caribe, realizado em Santiago do Chile, em 2018, onde pudemos entrar em contato com algumas instituições nacionais que fazem parte deste Grupo de Trabalho. Este ano, fomos aprovados para ingressar no GT e

temos trabalhado juntos na defesa da Agenda. Em 31 de julho de 2020, foi publicado o “Relatório Luz” (disponível em https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2020/07/en_osd_2020_vs_2_mari_singlepage.pdf) com o qual pudemos contribuir com sua elaboração. O lançamento do Relatório foi feito numa sessão com a Frente Parlamentar dos ODS, e apresenta os avanços e retrocessos das metas no país. Infelizmente, o resultado é muito assustador, tivemos um grande retrocesso no cumprimento das metas.

7 O que você - e as bibliotecas – ganharam com seu trabalho com o Grupo de Trabalho da Sociedade Civil?

Esse trabalho é importante para que possamos somar forças com outras entidades/instituições da sociedade civil que atuam alinhadas a ODS específicos e, ao mesmo tempo, temos a oportunidade de mostrar que as bibliotecas são aliadas importantes para a Agenda 2030. Ainda temos que avançar nos estereótipos de bibliotecas e bibliotecários perante a sociedade. A publicação do Relatório Luz evidenciou ainda um grande apagão de dados promovido pelo Governo Federal. A defesa da transparência dos dados será uma das bandeiras da FEBAB, pois sem dados não há como avaliar e seguir em frente. Também pretendemos continuar incentivando as bibliotecas a continuar promovendo produtos e serviços alinhados com os ODS.

8 Quais são os próximos passos?

Continuar promovendo ações com as bibliotecas em defesa da Agenda 2030. Fortalecer alianças com o Parlamento, por exemplo, com a Frente Parlamentar dos ODS, Frente Parlamentar do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas e a Frente Parlamentar pelos Direitos Humanos. Divulgar o Relatório Luz com os bibliotecários a fim de estimular que as bibliotecas desenvolvam novas ações/programas alinhados com os ODS para suas comunidades.

9 Que lições você quer compartilhar com outras bibliotecas em outros países?

A Covid 19 trouxe mais desafios para as bibliotecas, então é impossível prosseguir sem fazer alianças além da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Reafirmar o papel das bibliotecas, reposicionando-as perante a sociedade, é um dos desafios onde há ausência de políticas públicas, como é o caso do Brasil. A CEPAL informa que teremos profundas implicações no desenvolvimento em 2020. Haverá 11,6 milhões de desempregados a mais do

que em 2019, a pobreza na região aumentará 4,4 pontos percentuais, o que significa 28,7 milhões de pessoas a mais, e na pobreza extrema um aumento de 2,6% ou mais 15,9 milhões de pessoas, o que se estima afetará 83,4 milhões de pessoas. Diante desse cenário, é urgente que as bibliotecas se tornem lugares de escuta afetiva para receber uma sociedade completamente modificada, marcada pela dor da perda de entes queridos. Precisamos nos comprometer com a construção de um mundo melhor para honrar as milhares de vidas que foram ceifadas pela pandemia. As bibliotecas devem cuidar das pessoas mais do que nunca. Vidas são importantes!